

LITERATURA E O PENSAMENTO CRÍTICO EM SALA DE AULA: QUANDO ORWELL ENCONTRA DELEUZE

PEDRO HENRIQUE BRAGA BARBOSA¹
ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETTAS²

RESUMO

Este artigo versará sobre a importância da presença do ensino de literatura em salas de aula - sejam elas quais forem – com o intuito de explorar e incentivar o pensamento crítico dos ouvintes. Através da obra "1984" de George Orwell, dos ideais de Gilles Deleuze acerca da Sociedade de controle e posicionamento de outros autores como Michel Foucault, Antônio Cândido, Marisa Lajolo, Paulo Freire e George Rudé. Semelhanças em suas considerações a respeito da temática, mesmo em tempos diferentes, serão explicitadas, mostrando como o ato literário contribui para a formação de um ser pensante e ativo, servindo de alicerce para a construção de uma nova sociedade.

Palavras-chave: Literatura, Pensamento, Criticismo, Controle, Liberdade.

1 Mestrando em Educação Tecnológica Profissional, IFTM. Especialista em Educação Inclusiva Tecnológica, IFTM. Especialista em Língua Inglesa, FIJ. Especialista em Supervisão e Inspeção Escolar, Instituto Passo 1. Graduado em Pedagogia, Instituto Elvira Dayrell. Graduado em Letras (Port/Ing), UNIUBE. pedro_hb_barbosa@hotmail.com

2 Professor do Instituto Federal do Triângulo Mineiro, IFTM. Realizou estágios pós-doutorais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (História Latinoamericana), e na Universidad del Magdalena - em Santa Marta, Colômbia (História Econômica). Doutor em Educação, UFU. Mestre em Educação, UFU. Graduado em História, Simonsen. Graduado em Ciências Sociais, UFMG. andersonbrettas@iftm.edu.br

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade, expectativas são criadas todas às vezes que o homem deve dialogar e se reunir com sua espécie. Cada um, em seu interior, imagina como serão estas interações, podendo haver harmonia ou não entre as partes. Reações positivas, geralmente, são ligadas a eventos oriundos de certo consumismo, e negativas a momentos que incitam a responsabilidade e deveres do ser.

Assim, como a expectativa pode não ser a realidade, conflitos ocorrem nas relações cotidianas e acabam se resolvendo de maneira pré-determinada por uma estrutura de poder e controle – forte sinal de influência constante - exercida sob os indivíduos.

Passando o foco para a era contemporânea, vemos que uma das principais características encontradas no mundo tecnológico está pautada na utilização social de instrumentos que possibilitam o registro imediato das ações dos sujeitos, controlando-os e determinando o modo como devem se comportar perante a sociedade. Acredita-se, então, na existência de um sistema de vigilância e controle que armazena informações pessoais com o intuito de estabelecer uma ordem social.

Nesta era, os meios de comunicação em massa, usualmente carregam consigo entidades, partidos, governos, pessoas que modificam a informação com o intuito de influenciarem os ideais dos indivíduos. Com isso, é preciso que haja o mínimo de atenção e reflexão quando se realiza uma leitura.

Nos anos 40, mais ao certo em seu fim, Eric Arthur Blair, escritor, jornalista e ensaísta político inglês, mais conhecido como George Orwell, seu pseudônimo, lança a obra intitulada "1984". Ela demonstra uma sociedade distópica interessantíssima e sendo possível identificar vários paralelos com a sociedade onde vivemos hoje. Nela, o "**Big Brother**" tem por objetivo observar e controlar tudo e todos. A população é vista em todos os locais, incluindo suas próprias residências e a manipulação de informações é o ponto forte de quem almeja o controle.

Assim, diante deste cenário, sabe-se que o ser humano, passa grande parte de sua vida dentro de uma escola, local que exerce primordial função social no que tange a formação cidadã de um indivíduo. Nela, os saberes específicos tomam a frente e dentre eles está o ensino da literatura.

Ela, assim como as demais áreas do conhecimento, possui papel essencial na vida social e na construção do pensar de cada pessoa,

servindo como meio de disseminação da língua e da cultura, auxiliando na construção do senso crítico de quem adentra este universo.

Assim, serão abordados aqui, conceitos sobre o potencial de formação humana que possui a literatura e as tendências de controle social que cercam a sociedade atual esmagando o pensamento crítico dos cidadãos.

1984 – GEORGE ORWELL

A obra “1984” foi escrita em 1949, por George Orwell e relata a história de Winston, que trabalhava no ministério da verdade manejando informações que seu partido, “Ingsoc”, julgava ser pertinentes ao conhecimento da população.

O “Ingsoc” - partido socialista inglês que mantinha o controle da sociedade distópica, desenhada por Orwell, com auxílio de máquinas opressivas e instrumentos de adequação social – destruíam tudo que pudesse expô-los de alguma maneira, fazendo com que os cidadãos acreditassem nas “verdades” que apenas o partido dizia.

Winston, fazendo parte deste processo, se sentia inconformado com tal manipulação de informações e iniciou questionamentos relacionados à opressão exercida pelo partido sobre a população.

Espalhados por Londres, local da história, estavam os aparatos tecnológicos, como televisores e telas que serviam para monitoramento de todos os movimentos dos cidadãos, além de cartazes que carregavam o seguinte frase: “O grande irmão zela por ti” (ORWELL, 1991, p.5).

Winston, percebe então, que os indivíduos têm suas vidas controladas, tanto fisicamente quanto mentalmente, fazendo-os coniventes com as ordens ditadas. Algum tempo depois, o partido descobre a sapiência de Winston e o encaminha para o Ministério do Amor. No local, com o propósito de “curá-lo”, foi torturado para que passasse a acreditar piamente no que lhes é estabelecido e a acatar tudo de maneira natural – como se aquilo fosse a “verdade”. Por fim, confuso, Winston profere as seguintes palavras:

[...] Levava quarenta anos para aprender que espécie de sorriso se ocultava sob o bigode negro, Oh mal-entendido cruel e desnecessário! Oh teimoso e voluntário exílio do peito amantíssimo! [...] Mas agora estava tudo em paz, tudo ótimo, acabada a luta . Finalmente lograva a vitória sobre si mesmo. Amava o Grande Irmão. (ORWELL, 1991, p. 217)

Ele aceitou as imposições do “Ingsoc” e se viu amando, literalmente, o “generoso *Big brother*”.

MENSAGEM DE ORWELL

No século XX a sociedade passava por intensa fase de transformação no que tange aos regimes totalitários. Orwell decidiu expor suas ideias e medos no livro que se tornou um ícone distópico da época por carregar consigo um realismo psicológico.

Durante a leitura do conteúdo, é fácil perceber que com a utilização de como assíduas ameaças, os indivíduos eram controlados. Os lemas utilizados pelo “Ingsoc” - “Guerra é paz”, “Liberdade é escravidão”, “Ignorância é força” - deixa claro o principal objetivo do partido: o respeito ao grande irmão.

O “Ingsoc” manipulava as mentes de todos, tanto membros do partido quanto proletariado, com o intuito de evitar rebeliões, pois: “Não se revoltarão enquanto não se tornarem conscientes, e não se tornarão conscientes enquanto não se rebelarem” (ORWELL, 1991, p. 71)

Fica claro que a intenção do autor e do protagonista, amedrontados, era alertar a população, ideologicamente, sobre os perigos que os movimentos totalitários unificadores, podiam levar ao futuro guiando a sociedade para destruição material e mental.

SOCIEDADE DE CONTROLE: SURGIMENTO E CONCEITUAÇÃO

É de suma importância realizar breve retrospectiva enfatizando os meios de coerção e punição adotados por detentores do “Poder” no caminhar dos séculos, utilizados com a intenção de repressão dos indivíduos, e que se caracterizavam como métodos de controle social ligados à cada época. Diante disso, nos deparamos com o surgimento de mecanismos que possibilitaram a vigilância da sociedade.

Se voltarmos nossos olhares para antes deste período, segundo pressupostos de filósofos como Kant e Locke, perceberemos que os sujeitos se relacionavam sem seguirem regras ou leis, vivendo de maneira natural. Esta maneira a que muitos autores nomeiam de *jus naturale* é a liberdade de cada sujeito para com o uso de seu poder individual, do modo que quiser, para não perder a própria vida; logo, poderia realizar tudo que julgasse pertinente e racional.

Assim, compreendemos que o homem possuía liberdade, seguindo o suas próprias diretrizes e caminhando de acordo com algo estabelecido por si. Contudo, os seres humanos não viviam em perfeita harmonia, onde a agressividade e divergências de interesses reinava.

Com a chegada da Revolução Industrial, na segunda parte do século XVIII, fica clara a mudança da sociedade feudal para uma sociedade capitalista. Com suas propriedades e riquezas ameaçadas, a nobreza viu necessitava da criação de um mecanismo para controlar socialmente os indivíduos e que pudesse resolver possíveis conflitos posteriores. Então, a única opção da classe para obter segurança, era tentar concentrar o poder do Estado tornando-o absolutista.

No absolutismo, o poder era exercido por uma autoridade judiciária subordinada à pessoa do rei. Portanto, todo delito era um delito contra a realeza e o corpo do indivíduo era levado ao suplício tendo como intuito impactar a massa, o povo. Logo,

"(...) o rei queria mostrar com isso que a 'força soberana' de que se origina o direito de punir não pode em caso algum pertencer à 'multidão'. Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem-se calar". (FOUCAULT, 2007, p. 33).

Com o passar dos anos, há o início de manifestações contra o caráter desumano do suplício, se fazendo intolerável. "Que as penas sejam moderadas e proporcionais aos delitos, que a de morte só seja imputada contra os culpados assassinos, e sejam abolidos os suplícios que revoltem a humanidade". (FOUCAULT, 2007, p.63).

Entre os anos de 1789 e 1799, a França passava por um momento delicado, pois a população guardava grande insatisfação dirigida ao governo. O povo foi à luta nas ruas almejando a tomada do poder e o fim da monarquia do Rei Luís XVI. Assim, podemos afirmar que a Revolução Francesa "foi um processo social e político cujas principais consequências foram a queda de Luís XVI, a abolição da monarquia e a Proclamação da República, que poria fim ao Antigo Regime." (RUDÉ, 1991, p. 115/131).

Em 1789, agosto, a Assembleia Constituinte acabou com todos os direitos feudais ainda existentes e promulgou a Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão. Ação que corroborou para o fim do regime soberano.

Os ideais da Revolução Francesa se espalharam pelo mundo demarcando assim a passagem para a Era Contemporânea.

Contudo, neste novo mundo, após a revolução francesa, ainda se vê explicitamente a chamada "sociedade disciplinar", de Foucault. Se trata de

uma forma de poder que visa vigiar e punir. Algum tempo depois, logo após “a Segunda Guerra Mundial a sociedade disciplinar começa a ser substituída pela Sociedade de Controle.” (DELEUZE, 1992, p.220).

O auge da sociedade disciplinar se deu no século XX, se mantendo por um breve período após a Segunda Guerra Mundial. Deleuze diz que: “são as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. ‘Controle’ é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo”. (DELEUZE, 1992, p.224).

Essa sociedade, concebida em forma de “máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo” (DELEUZE, 1992, p. 223).

Nesse sentido, na pós-modernidade, sistemas mais eficientes, como forma de controle social, realizam o monitoramento dos sujeitos: máquinas fotográficas, **Facebook**, **internet**, **smartphones**, **Pay-per-view**, **Twitter**, satélites, filmadoras dentre outros aparatos tecnológicos digitais, que registram as movimentações de qualquer sujeito em tempo real, armazenando-as. Estando ou não estando, indo ou vindo, a fiscalização intensa, que tira da sociedade o que nela há de mais importante, a liberdade, continua de forma impactante e impiedosa.

Com isso, esse adestramento automatizado se espalha por diversos espaços, sob o controle do capitalismo que reconfigura uma nova forma de poder, uma nova forma de disciplinar, atuando de modo invisível, controlando o cotidiano do homem sem ele ao menos notar. Diante dessa inconsciência, Deleuze (1992) salienta que a caracterização da sociedade disciplinar está configurada nas escolas, fábricas, hospital e até mesmo na família. No entanto, na sociedade de controle o homem é um “ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo” (DELEUZE, 1992, p. 223).

Portanto, pode-se considerar e refletir que as novas concentrações estratégicas, isto é, as organizações físicas e intelectuais que controlam tudo, se difundem, seja por meio de estratégias de **marketing**, publicidade, propaganda e até mesmo pela disseminação de falsas notícias que se propagam nos meios digitais com o propósito de controlar as decisões dos sujeitos que se conectam e navegam irracionalmente. Essas transformações incorpóreas marcam a forma de viver e afetam instantaneamente a rotina e os hábitos de uma sociedade que tenta sobreviver amordaçada pelo controle capitalista.

LITERATURA E PENSAMENTO CRÍTICO

Na vida, o primeiro contato com as letras se dá fora da sala de aula, em ambientes comuns, onde as relações humanas e interação social acontecem. Marisa Lajolo explica melhor esta afirmação quando diz em sua obra “No mundo da leitura para a leitura do mundo”, que:

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros. (LAJOLO, 2004, p. 7).

Podemos afirmar, com as palavras de Paulo Freire que “a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele (FREIRE, 2011, p.19-20). Logo, é fora da escola que as primeiras leituras têm início e por isso a instituição escolar deveria identificar e valorizar a parte cognitiva real dos discentes, trabalhando-a em sala de aula.

Por conseguinte, a teoria não pode sobrepor a experiência e bagagem de cada ser, discriminando-as. E sim, dialogar com o universo do aluno.

Os atos literários acontecem através de momentos complexos e comuns, como a ação dos pais, que contam histórias para seus primogênitos, e por modos mais elaborados, como a organização de uma obra. Assim, é possível afirmar que todos os indivíduos entram em contato com a literatura o tempo todo, de acordo com certas intenções e ideais.

Potanto, é visto que a literatura se faz necessária para a formação integral de um sujeito, trabalhada no ambiente escolar ou extra muros, sendo esta, ferramenta dotada de recursos que ampliam o modo de pensar dos indivíduos, estimulando-os em todo processo criativo, além de auxiliá-los no aprimoramento da leitura, escrita e, como mencionado, promove neles o pensamento crítico.

É possível perceber, mais ainda, a importância da literatura em sala de aula, lendo trecho da obra “Vários Escritos”, do autor Antônio Cândido. Ele diz:

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações

da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, prope e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1989, p. 113).

É fato que a literatura ainda é vista, com frequência, como algo ligado somente à realidade escolar ou acadêmica, pois a sociedade ainda não possui compreensão necessária – e até falta de acesso – ao verdadeiro significado do mundo literário e sua função, porém, sua importância e contribuição para a formação de um cidadão crítico e ativo na sociedade, é inegável.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a denominada globalização, as redes digitais florescem do consumo tecnológico e a influência midiática da interação digital bombardeia a população. A **internet** trouxe, para uma sociedade consumista, novas formas de tecnologias, agora com roupagem diferente e muito mais eficaz no que se propõe a fazer, carregando com ela falsa promessa de liberdade.

Involuntariamente, digo até, inconscientemente, dependendo do grau de alienação, em nossas relações e interações, enviamos informações e detalhes para a sociedade de controle, por meio de contato telefônico, utilização de cartões e de redes sociais. Os olhos que tudo veem, são acionados sempre que o sujeito se locomove na sociedade. Fato que nos remete à expressão inglesa **“Big Brother”** criada por George Orwell em seu livro denominado **“1984”**. Na obra ficcional, câmeras vigiam a tudo e a todos em espaços públicos.

Hoje, a situação se encontra um pouco mais crítica quando comparada à realidade demonstrada na obra citada acima, pois o **“Grande Irmão”** não se limita à ambientes públicos, aliás, alguns mecanismos de controle, obrigatórios, também são utilizados pelo poder do Estado, como o cadastro biométrico e o sistema de integralização de dados. Como seres oniscientes, as máquinas registram as ações de qualquer sujeito em tempo real. Fato que demonstra nossa exposição cotidiana e não apenas por vontade própria.

Movimentos que enaltecem os valores de uma existência ligada à exposição e induz o indivíduo, recheado de mazelas, a reconhecer aquilo como um meio de se tornar um ser dominante e conseqüentemente obter um falso poder. Algo extremamente preocupante, pois quanto mais o sujeito se expõe, mais suscetível ao controle ele está.

Aqui, aparece a escola. Local propício para socialização e utilização destes recursos tecnológicos, onde o ser possui maior possibilidade de realizar questionamentos, é apresentado à problemas e pode compreendê-los. Ambiente propício para o despertar da consciência e criticismo.

A leitura de um livro faz parte do processo de conscientização que Paulo Freire tanto almejava. Ler não é apenas aprender algo de cunho linguístico ou apreciar uma descrição sobre algo, ler é um ato reflexivo. Por isso, quando um indivíduo compreende os algoritmos de seu universo, dificilmente, se será um ser sem voz e ação. Um ato literário promove a circulação de correntes cognitivas e levam o sujeito a fortalecer sua interpretação.

Acontecimentos comuns, automaticamente, direcionam o sujeito à atividade literária, e por várias vezes eles dão um salto para uma área mais complexa a partir do momento em que são exploradas, deixando clara sua importância para o desenvolvimento de qualquer pessoa, pois todo e qualquer indivíduo está apto à ação do criar.

Por isso, de maneira alguma, a literatura não deve ser vista apenas como um componente escolar, sendo de grande valia, a discussão sobre a prática literária, principalmente, na sala de aula.

Assim, o encontro entre Orwell e Deleuze foi promovido com o intuito de trazer à tona, um problema – controle exercido sobre a sociedade - e também uma valiosa ferramenta para auxiliar em sua resolução – a literatura, pois ao ler a obra, debatê-la, expor seu ponto de vista, o indivíduo inicia a sua conscientização e realiza paralelo entre os ideais de cada autor. Seja ele qual for, ou faixa etária se encontrar, fará a ligação com o mundo externo e iniciará seu trabalho de propagação dos conceitos por ele adquiridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que esta vigilância incisiva da sociedade é algo que descortina a privacidade de qualquer sujeito, gerando preocupações em relação aos rumos dela. Aparecem, dia após dia, mais e mais aparatos com o intuito de capturar cada **“frame”** de nossas vidas. Câmeras, drones, satélites, inteligência artificial, etc. são capazes de filmar e obter escutas.

Outro fator que deveria gerar desconforto é a exposição exacerbada e divulgação de dados pessoais em navegações na internet, acesso a redes sociais e cadastros on-line. Deixamos nossos rastros e por isso recebemos um bombardeio de sugestões e propagandas.

Estamos sendo controlados de maneira inconsciente e a sociedade na qual vivemos é comandada por um poder capitalista e doutrinador. Nossos passos são guiados por estes mecanismos e nos fazem exercer o papel de fantoches. Em consonância com esta alegação, Deleuze diz que “o pensamento do lado de fora é um pensamento da resistência”. (DELEUZE in FOUCAULT, 1992, p. 96).

Assim, a única e possível liberdade que ainda nos resta é questionar discursos e premissas, promovendo a quebra de paradigmas e nos atendo à sociedade que se descortina, com o mínimo de razoabilidade. Algo que só será possível através da educação dos indivíduos, para um despertar crítico e consciente e a literatura em sala de aula, como ferramenta modificadora, funciona perfeitamente, como guia neste caminho de comunicação e interação social.

Contudo, não é suficiente identificar e apoiar os atributos da literatura. O foco deve se ramificar para um propósito crítico e analítico sobre quais razões geram a emersão desta tamanha necessidade de exercer o ato literário.

LITERATURE AND CRITICAL THINKING IN THE CLASSROOM: WHEN ORWELL MEETS DELEUZE

ABSTRACT

This article will focus on the importance of the presence of the teaching of literature in classrooms - whatever they may be - in order to explore and encourage critical thinking among listeners. Through the work “1984” by George Orwell, the ideals of Gilles Deleuze about the Society of control and positioning of other authors such as Michel Foucault, Antônio Cândido, Marisa La jolo, Paulo Freire and George Rudé. Similarities in their considerations about the theme, even at different times, will be explained, showing how the literary act contributes to the formation of a thinking and active being, serving as a foundation for the construction of a new society.

Keywords: Literature, Thought, Criticism, Control, Freedom.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. Editora Ouro Sobre Azul, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 1972 – 1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

..... **Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle.**
Disponível em: <<http://netart.iv.org.br/portal/midias/controle.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

DIREITOS HUMANOS. In: WIKIPÉDIA, **a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_humanos. Acesso em: 26 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GEORGE ORWELL. In: WIKIPÉDIA, **a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: George Orwell – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em: 27 abr. 2021.

LAJOLO, Marisa. **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, SP. Ática, 2004.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo, Companhia das letras, 23ª impressão, 2015.

RUDÉ, George. **A multidão na História**: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra. 1730-1848. Rio de Janeiro: Campus, 1991.